

Técnica, sociedade e ritmo da vida: as dimensões fenomenológicas da aceleração social do tempo no jornalismo impresso do século XX¹

Caio TERUEL²

Universidade Federal Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central buscar reflexões acerca das dimensões fenomenológicas da aceleração social — oriundas da teoria da aceleração social do tempo do teórico alemão Hartmut Rosa (2019) — no campo da comunicação, mais exatamente nas primeiras páginas de jornais impressos do século XX. Com isso, busca-se olhar para o jornal impresso como uma testemunha da evolução aceleratório no que diz respeito a tecnologia, mudanças sociais e ritmo da vida.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Aceleração social do tempo; jornalismo; século XX; jornalismo impresso

O debate

O fenômeno da modernidade no âmbito das ciências humanas propõe constantemente a escolas de pensamentos, autores e momentos históricos uma larga reflexão sobre as possíveis características adotadas pelo período, suas consequências, e claro, suas alterações no tecido social para com o período anterior. Deste modo, ao longo principalmente do século XX, diversas foram as classificações adotadas para definir as configurações da modernidade. De Michel Foucault à Milton Santos, passando por Deleuze, Marshall Bermann e David Harvey, várias são as características e implicações do período.

Tendo em vista a multiplicidade de pontos de vista que convergem e divergem sobre a modernidade, há ainda a proposta, encabeçada pioneiramente por Fredric Jameson, de denominar o período atual de pós-moderno, rompendo com a modernidade e a deixando no passado, inaugurando assim uma nova configuração social, cultural, econômica e subjetiva. Todavia, indo além das discussões sobre a plausibilidade da existência deste novo tempo, um fator circunstancial que ascende ao longo da idade média e une os períodos aqui relatados é o tempo.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Jornalista e mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: caioteruel05@gmail.com

De acordo com Hartmut Rosa (2019), a modernidade, período iniciado ao fim do Renascimento, onde se inaugura um “novo tempo” marca-se em contraponto ao período anterior por uma experiência única em relação a percepção temporal e sua constante aceleração.

O quanto toda a história cultural da modernidade tem sido interpretada, até o presente, sob a luz dessa experiência fundamental, foi deixado claro por toda uma série de trabalhos histórico-culturais recentes, cujo foco comum é interpretar a autointerpretação da Modernidade como reação a uma experiência modificada de tempo e espaço (ROSA, 2019, p. 69).

Hartmut Rosa é um sociólogo alemão que durante muito tempo pesquisou ciência política, sendo influenciado principalmente por Charles Taylor. Aos poucos, o teórico foi desenvolvendo pesquisas e questões sobre a percepção temporal na modernidade, ou como o mesmo prefere, na modernidade tardia. Em 2019 foi lançado seu único livro no Brasil pela Editora Unesp, em *Aceleração: transformação das estruturas temporais na modernidade*, o autor lança as bases mais sólidas de sua teoria da aceleração, e delimita tanto as consequências deste fenômeno para a sociedade quanto as causas, ou, os motores que exercem força sobre a aceleração. No livro, uma das questões que mais ecoam é sobre a falta de tempo em detrimento paradoxal com o excesso de tempo permitido pelo avanço de tecnológico.

Deste modo, Rosa busca analisar em produções bibliográficas clássicas da sociologia rastros iminentes dessa aceleração. Como em uma arqueologia, o teórico trabalha em textos de Marx, Weber, Durkheim e Simmel, captando em cada um deles um fragmento de sua teoria, com o claro objetivo de compreender não apenas as facetas dessa aceleração, mas as suas distintas atuações. Em Marx, Rosa analisa a domesticação da natureza, já em Weber, o processo de Racionalização e o processo de erosão dos recursos de sentido. Em Durkheim a desintegração e em Simmel a massificação.

Assim, a hipótese sustentada por Rosa (p.135, 2019) ao longo de seu trabalho é a de que

A sociedade moderna por ser entendida como ‘sociedade da aceleração’ no sentido de que ela contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração – a aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais – e da tendência à aceleração e ao crescimento.

Tendo em tela o panorama traçado até aqui, pautado pela temporalidade e sua respectiva aceleração, o objetivo deste trabalho se delimita em apreender por meios das primeiras páginas de jornais ao longo século XX as dimensões fenomenológicas tratadas pelo

teórico Harmut Rosa, isto é, a aceleração técnica, a aceleração dos movimentos sociais e aceleração do ritmo da vida, ao passo que propõe reflexões sobre o campo comunicacional e sua respectiva aceleração. Para isso, a metodologia do presente artigo analisará três capas de jornais em contraponto com as definições de tais dimensões trazidas por Rosa buscando no produto jornalístico o respaldo orgânico e social das premissas estudadas pelo teórico alemão.

As dimensões fenomenológicas da aceleração

Aceleração técnica

Para delimitar, as questões que cercam as dimensões fenomenológicas da aceleração, o teórico alemão inicia seu percurso sócio histórico propondo a aceleração técnica como um propulsor, ora evidente, ora motor principal do cenário aqui esboçado, e que se desenvolve de modo intencional, o que em um primeiro momento se diferencia das outras duas dimensões. Tal aceleração, conforme aponta Rosa (2019), se torna paradigmática, pois altera as demais estruturas de uma sociedade, atingindo setores como o transporte, a comunicação, a produção de bens e serviços, dentre tantos outros possíveis.

Outrossim, a taxa de medição das alterações técnicas em um determinado espaço de tempo se faz de modo mais sólido, isto é, se torna mais fácil compreender os pontos de evolução técnica e suas respectivas alterações sociais, o que faz da aceleração técnica a “mais simples de ser medida e verificada” (ROSA, 2019, p. 141).

O teórico elenca a aceleração técnica como um propulsor para o aumento do ritmo temporal. Desde as sociedades pré-modernas, a evolução técnica é um fenômeno muitas vezes perceptível, tendo em vista as alterações que ela produz na vida cotidiana, o que torna sua história bem documentada e bastante estudada em diversas ciências. O uso social do cavalo como meio de transporte, os navios a vapor, as ferrovias, os automóveis, o avião, e até espaçonaves são itens familiares cujos quais humanidades, exata e biológicas se debruçam.

Para Rosa (2019)

A velocidade máxima alcançada se multiplicou de aproximadamente 15 para mais de 1.000 km por hora ou, caso consideremos as viagens espaciais, para vários milhares de quilômetros por hora, ao menos por volta de um fato 10^2 . À parte as velocidades máximas, os limites de velocidade de categorias particulares de locomoção também aumentaram (p.141-142).

Deste modo, iniciada formalmente na Revolução Industrial — mas com resquícios de tempos anteriores — a aceleração técnica se firma como a categoria que fora pensada para a

redução do tempo pelo espaço e automação técnica, logo, desaguando na aceleração temporal, tendo em vista a grande produção em curto espaço de tempo ou do encurtamento do espaço. Todavia, mais importante do que pensar a velocidade máxima em equipamentos tecnológicos dispersos, é pensar a média da velocidade de locomoção em uma sociedade. Embora traduzir a média de uma sociedade — na que Rosa se debruça, europeia — amplie a complexidade das questões aqui apresentadas, o autor propõe uma resposta, que se constitui da “apuração da quantidade de bens e pessoas que são movimentadas por unidade de tempo e sua velocidade média de locomoção” (2019, p. 142). Apesar destas páginas não se traduzirem no objetivo de compreender a aceleração social do tempo como um fenômeno generalista e mundial, isto é, estudar o fenômeno de modo geral, parte-se da premissa de apontar as dificuldades e as complexidades pelas quais a teoria proposta por Rosa enfrenta.

Assim, a experiencial temporal que se funda na base da velocidade dos transportes e da vida urbana, consagra a vida moderna, rompendo por fim com um novo mundo marcado pela “contração do espaço”, isto é, o encurtamento de distâncias sob a ótica da duração temporal necessária para sua transposição. A partir da Revolução Industrial, a contração do espaço ganha força, tendo em vista as inúmeras evoluções técnicas que se seguem e que possibilitam o que David Harvey (2008) chama de encolhimento do mundo, tendo em vista o avanço da velocidade dos meios de transporte e o ‘aniquilamento do espaço pelo tempo’.

A aceleração técnica no âmbito da comunicação — com enfoque aqui no campo jornalístico — em termos oficiais, data da invenção da prensa tipográfica por Johann Gutenberg de Mainz no ano de 1450, embora se saiba que outras nações, como a japonesa e a chinesa, já praticavam métodos de impressão (BURKE, 2006).

A revolução trazida por Gutenberg se soma ao período que antecedeu o surgimento da era moderna, o principal foco de análise de Hartmut Rosa. Tal período ainda se compõe de outras duas invenções que somam ao período aceleratório, a pólvora e a bússola. A partir do surgimento da prensa, a impressão gráfica se espalha pela Europa por meio principalmente dos impressores germânicos, “por volta de 1500, haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares na Europa — 80 na Itália, 52 na Alemanha e 43 na França” (BURKE, 2006, p. 24).

Tendo tais informações como pano de fundo, não cabe a estas páginas um aprofundamento sobre as raízes do jornalismo ou uma sistematização da comunicação, mas apenas um esboço sobre o surgimento do que seria conhecido como o nascimento da imprensa pela prensa tipográfica de Gutenberg em um período pré-moderno. A partir daí, com poucas

evoluções tanto da técnica quanto do uso social, salta-se para o século XIX e XX, o período das maiores revoluções tanto no âmbito jornalístico como no âmbito técnico, onde se pode compreender mais precisamente os pontos de aceleração.

New York Times (1857-Current file); Jul 21, 1969;
ProQuest Historical Newspapers The New York Times (1851 - 2006)
pg. 1

"All the News That's Fit to Print"

The New York Times

LATE CITY EDITION
Weather: Fair, some today clear; tonight, partly cloudy tomorrow. Temp. today 84-81; Sunday 71-67. Time-News, Times Building, 30 Douglas U.S. report on P. 30.

NEW YORK, MONDAY, JULY 21, 1969
19 CENTS

VOL. CXVIII, No. 49,721

MEN WALK ON MOON

ASTRONAUTS LAND ON PLAIN; COLLECT ROCKS, PLANT FLAG

19 CENTS

Voice From Moon: 'Eagle Has Landed'

BAGS (to hour pocket): Houston, Tranquility Base. The Eagle has landed.

HOUSTON Roger, Tranquility. We copy you on the ground. You're out of range of our radar. We're looking again. There's a bit.

TRANQUILITY BASE Thank you.

HOUSTON You're looking good. Tranquility Base. A very smooth touchdown.

HOUSTON Bags, you are okay for TV. The first step is the lunar activated camera.

TRANQUILITY BASE Roger. Stay for TV.

HOUSTON Roger and we are going to monitor the camera.

TRANQUILITY BASE Roger.

COLUMBIA (to command and service modules) How do you read me?

HOUSTON Columbia, he has heard. Tranquility Base. Bags is at Tranquility. I read you five by five.

COLUMBIA Yes, I read the whole thing.

HOUSTON Well, it's a good thing.

COLUMBIA Forward.

TRANQUILITY BASE TV camera that Apollo 11 control, the moon major system step will be for the TV camera that is at 21 minutes 30 seconds after activation of power from the moon.

COLUMBIA Up telemetry received must be reported on this page.

HOUSTON Copy, 0-6.

APOLLO CONTROL You have an artificial view for the moon down of 100 hours, 45 minutes, 45 seconds and we will update that.

HOUSTON Bags, you landed all wrong. We read bags.

TRANQUILITY BASE Roger. Do you want the first moon GO DOWN.


HOUSTON That's affirmative.

APOLLO CONTROL When you see the first lunar surface from our earth system step, it will be for one minute of the moon's surface.

One of the first things (both Armstrong and Aldrin) will do after getting their land module down will be to remove their meters and gloves.

HOUSTON Bags, you are okay for TV down.

Continued on Page 4, Col. 1



A Powdery Surface Is Closely Explored

By JOHN HENK WILKINSON
Special to The Times

HOUSTON, Monday, July 21 (New York Times) — Two American astronauts of Apollo 11, landed their light-footed lunar module safely and smoothly in the lunar landing yesterday at 4:37:42 P.M. Eastern Daylight time.

Neil A. Armstrong, the 38-year-old civilian contractor, refused to carry out the mission control team's first order to "Houston, Tranquility Base, the Eagle has landed." The first order to touch the moon—Mr. Armstrong and his colleague, Col. Edwin E. Aldrin Jr., of the air force—brought their step to rest on a level, rock-free plain near the southwestern edge of the sea of Tranquility.

About six and a half hours later, Mr. Armstrong opened the landing craft's hatch, stepped down, the ladder and declared as he placed the first human footprint on the moon.

"That's one small step for man, one giant leap for mankind."

The first step on the moon came at 10:52:31 P.M., as a television camera outside the craft transmitted his every move to an excited and captivated audience of hundreds of millions of people on earth.

Tranquility Steps 'Not Soil'

Mr. Armstrong's initial steps were tentative tests of the lunar soil's firmness and of his ability to move about easily in the lunar weightlessness and landscape and under the influence of lunar gravity, which is one-sixth that of the earth.

"The surface is fine and granular," the astronaut reported. "I now add it to my boot with my foot. It does not stick to my boot. I now get it out of my boot. It is very fine, very soft, very light. I can see the footprints of my boots in the tracks in the fine sandy particles."

After 10 minutes of Mr. Armstrong's testing, Colonel Aldrin joined him outside the craft.

The two men got busy setting up scientific instruments outside the lunar module, planting an American flag on the ground, scooping up soil and rock samples, beginning scientific experiments and looking and looking about in a demonstration of their lunar agility.

They found walking and working on the moon less tiring than had been forecast. Mr. Armstrong soon reported to use "very comfortable."

And though back on earth he said the lunar-land-white color of the lunar surface was "bright and clear" and the moon brought about a "so clear and clear" to his eyes, there like a boy and toy-like figure than human beings in the moon during and following conditions that he described.

Nixon Telephone Congratulations

During one brief, but historic, word, President Nixon congratulated them from the White House in what he said "probably" he is the most historic telephone call ever made.

"Because of what you have done," the president told the astronauts, "the heavens are become a part of your world. And as you talk to us from the Sea of Tranquility it requires us to redouble our efforts to bring peace and tranquility to earth."

"You see a billion prayers in the whole galaxy of stars all the people on this earth are only one-one in their pride in what you have done and one in our prayers that you will return safely to earth."

Mr. Armstrong replied:

"Thank you, Mr. President. It's a great honor and privilege for us to be here representing not only the United States but men and women of all nations, men with interests and a curiosity and men with a vision for the future."

Mr. Armstrong and Colonel Aldrin returned to their landing craft and closed the hatch at 1:32 A.M. 2 hours 71 minutes after reaching the beach on the moon. While the three members of the crew, Lt. Col. Michael Collins of the Air Force, had to wait until night in the second stage, the two moon explorers scooped down to sleep.

Outside their vehicle the astronauts had found a Moon.

Continued on Page 7, Col. 1

VOYAGE TO THE MOON

By American Mailman

PROBANCE among us, we know in our skin, gods of other in our lives and in our hearts above.

It is not enough to be in that thought—the walking world... The glimpse of the moon... and we have reached you!


From the first of time, from the first of time, before the first man tested here, we thought of you. You were a wonder to us, a mystery, a light beyond our light, our lives—perhaps a meaning to us...

Now our hands have touched you in your depth of night. Three steps and above a globe we tremble, moved by the moon, a globe without sound, the distance into the stars, the distance that other stars, a million miles, add, add, add—unthinkable, uncountable...

Then, one fourth day onward, we descended, made fast, set foot of down upon your beaches, added because our fingers your cold hand.

We stand here in the dark, the cold, the silence... and wish, as at the first of time, we lift our hearts, from you, we feel that the moon is more a wonder to us, an enigma, a light beyond our light, our lives—perhaps a meaning to us...

It is a meaning! over an air three steps reaches the light earth, a meaning among us.



Col. Edwin E. Aldrin Jr. drags down the ladder. The television camera was attached to a side of the lunar module.

Mr. Armstrong, right, and Colonel Aldrin raise the U.S. flag. A rental car at right angles to the moon's horizon flag activated.

Figura 1- Primeira página NYT



Figura 2 - Primeira página Folha de São Paulo

Acima, vislumbram-se duas primeiras páginas sobre fenômenos puramente técnicos. Do lado esquerdo a chegada de Neil Armstrong à lua em 1969 noticiada pelo jornal estadunidense The New York Times, e do lado direito a explosão da nave Challenger em janeiro de 1986 noticiada pelo jornal paulistano Folha de São Paulo.

Assim, é possível perceber, e, portanto, refletir, que ambas as capas apresentam muito mais do que fatos narrados e noticiados pela mídia. Partindo da teoria da aceleração social de Hartmut Rosa (2019), o que se vê é a ascensão de novas possibilidades tecnológicas ambas ocorridas em um período de aceleração tanto tecnológica quanto social como o foi na Guerra Fria (1947-1991). Deste modo, o acontecimento da chegada do homem à lua mobiliza um espírito de progresso, conquistas e novos tempos. As produções culturais que mobilizam a temática, seja em animações como *The Jetsons* ou no filme *2001: A Space Odyssey*, dentre outras, articulam um senso comum e uma ideia sobre futuro e tecnologia.

Aceleração das mudanças sociais

Assim, tendo pontuado a dimensão fenomenológica da aceleração técnica, cabe partir para a segunda dimensão proposta por Hartmut Rosa em sua teoria da aceleração social do tempo, que é a aceleração das mudanças sociais, onde percebe-se um deslocamento da exterioridade para a subjetividade.

De acordo com Rosa, tal aceleração se refere “à velocidade na qual, de um lado, práticas e orientações de ação, e, de outro, estruturas associativas e modelos de relação se modificam” (ROSA, p. 147, 2019). Outrossim, as transformações se auto transformam, e adentram em um processo contínuo de aceleração.

Como um **não** exemplo, o autor cita a substituição da organização de trabalho do capitalismo nascente pelo regime taylorista de trabalho como uma manifestação da aceleração técnica, e não como aceleração da mudança social. Embora busque-se a alteração de determinada forma social, o regime taylorista não acelera a mudança social. Deste modo, pode-se pensar os programas de governo com validade de quatro anos como uma aceleração da mudança social pois estão em constante transformação. O autor ilustra a situação com um exemplo do campo da comunicação

Da descoberta do aparelho de radiodifusão, no fim do século XIX, até sua propagação alcançar 50 milhões de receptores, passaram-se 38 anos; introduzida um quarto de século mais tarde, a televisão precisou, para o mesmo feito, de apenas treze anos, enquanto a internet alcançou em apenas quatro anos 50 milhões de conexões (ROSA, 2019, p. 148).

Todavia, vale assinalar sobre tal dimensão fenomenológica que a simples implantação de uma tecnologia supostamente mais rápida ou avançada, não traz necessariamente em seu bojo uma transformação significativa para o tecido social. Claramente, existem tecnologias que alteram a própria estrutura da sociedade em âmbito cultural ou econômica, mas nem todas elas possuem tal possibilidade de transformação das orientações de ação ou com os modelos sociais de associação.

Neste cenário que se esboça surge então o empecilho de precisar as taxas de mudanças sociais, logo, a dificuldade em como classificar determinada mudança social ainda se torna um obstáculo e, portanto, varia de autor para autor. Para superar tal problema e com o objetivo de delimitar a aceleração das mudanças sociais, Rosa (2019) faz uso do conceito de **contração do presente** de Hermann Lübbe e concomitantemente também desenhada na teoria dos sistemas de Niklas Luhmann. O presente, conforme Lübbe, define-se como o período de duração cujo o espaço de experiência e horizonte de expectativa ainda não foram

modificados, assim, um processo em que ocorre a redução dos espaços temporais em que se pode calcular com constância as condições da vida material. A partir desse entendimento, percebe-se uma contínua contração do futuro, tendo em vista os apontamentos de Rosa (2019), isto é, a constante obsolescência social e cultural concomitantemente ao aumento do adensamento de inovações. Nas palavras de Rosa a partir de Lübbe

A aceleração da mudança social pode ser definida como um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que, para cada esfera funcional, de valor e de ação, podem ser determinados como presente (ROSA, 2019, p. 152).

Assim, vislumbra-se na sociedade da aceleração, no diagnóstico formulado por Rosa, uma contração em âmbitos sociais, ou seja, na política, na cultura, na economia, e na educação, e também nos arranjos familiares, dentre outros possíveis. As orientações que determinam as ações da vida cotidiana se fluidificam em uma constante, alterando tanto perspectivas culturais quanto sociais.



Figura 3- Primeira Página Folha da Manhã

Embora seja difícil mensurar a aceleração das mudanças sociais no âmbito do jornalismo, é possível partir para algumas hipóteses dentre tantas possíveis. Na capa do jornal Folha de São Paulo (imagem acima), além da manchete *O Presidente Café Filho organiza novo governo...*, do ano de 1954, encontram-se espalhadas pela mancha gráfica outras 14 chamadas que direcionam o leitor a outros assuntos, formatos jornalísticos e temas.

Tendo essa informação em mente, reflexões sobre a capacidade de consumo noticioso de um indivíduo na segunda metade do século XX direciona, com apoio das reflexões proposta por Rosa (2019), o entendimento sobre a quantidade possível de compreensão das diversas matérias retratadas e sobre a atualização dessas notícias tendo em vista a ausência de recursos técnicos que pudessem dispor de novas atualizações e também sobre

Aceleração do ritmo da vida

Por fim, a terceira dimensão fenomenológica da aceleração social do tempo se desenvolve com base no aumento do **ritmo da vida**³, que se define como a escassez dos recursos temporais, a ausência de tempo, e que está vinculada não apenas à aceleração das mudanças sociais, mas sobretudo, de forma paradoxal, com a aceleração técnica, ocorrendo tanto como um aumento da velocidade da ação quanto como a transformação da experiência temporal (ROSA). O aumento do ritmo da vida se difunde em diversos âmbitos, desde a velocidade do caminhar, a velocidade do trabalho ou a precisão dos relógios públicos (LEVINE *apud* ROSA). A velocidade da vida social, assim como as mudanças sociais, costuma variar de perspectiva dependendo do objetivo do autor, como também a própria natureza dessa velocidade. Essa dimensão aceleratório, delimita-se de modo duplo como aponta Rosa (2019), isto é, pode ser analisada tanto de modo objetivo quanto de modo subjetivo, de modo que

Uma vez que a intensificação do ritmo da vida deve ser entendida como consequência de um escasseamento de recursos temporais, significando que o aumento da ‘quantidade’ de ações ultrapassa o aumento técnico da velocidade de execução, ela se manifesta subjetivamente num aumento de sentimento de carência de tempo, de pressão temporal, da estressante obrigação da aceleração, além do medo de ‘não conseguir acompanhar o ritmo’ (ROSA, 2019, p. 157).

³ No âmbito tanto latino-americano quanto brasileiro existe uma defasagem enorme relacionada a pesquisas que se debruçam sobre o uso do tempo por parte de suas respectivas sociedades. O que se tem, com certa margem de uso, se delimita acerca de tempo, trabalho e gênero/classe social.

As sensações descritas acima pelo teórico alemão, constituem uma peça chave para compreender as sociedades industrializadas e sua constante sensação da passagem do tempo acelerado. Tal aumento de indicativos, como demonstram pesquisas empíricas em tais sociedades, descrevem uma considerável expansão da demanda temporal desde o século XVIII (ROSA), ao passo que o ritmo da vida, em uma linha historiográfica, se acelera continuamente. Neste sentido, cabe ressaltar aqui o papel desempenhado pela introdução das novas tecnologias, que reduzem o tempo de determinadas ações, ao mesmo tempo que o número de ações a serem executadas crescem, aumentando assim os processos subjetivos de pressão temporal. Rosa também aponta para a necessidade clara de se ater não apenas ao fenômeno sociopsicológico presente na aceleração do ritmo da vida como também para a consideração dos fatores culturais.

Para efeito de compreensão sobre as complexidades propostas no entendimento de Rosa sobre sociedades industrializadas e aceleração do ritmo da vida, cabe refletir aqui acerca das múltiplas temporalidades que o geógrafo baiano Milton Santos traz, negando assim a existência de um Tempo Mundial. Desse modo, as reflexões aqui expostas sobre o fenômeno da aceleração, entende as limitações do próprio fenômeno, acertando assim as diferenças entre sociedades europeias, latino-americanas ou asiáticas.

O tempo hegemônico é o da ação e dos atores hegemônicos e o tempo não hegemônico é o da ação e dos atores não hegemônicos. A ideia de tempos hegemônicos supõe também a ideia de tempos hegemonzados. Vejamos um exemplo. Pode-se falar de um tempo único da cidade, ou de um tempo único regional, como se falaria de um tempo universal único? Grupos, instituições, indivíduos convivem juntos, mas não praticam os mesmos tempos (...) Os ritmos de cada qual - empresas ou pessoas - não são os mesmos. Talvez fosse mais correto utilizar a expressão temporalidade em vez da palavra tempo" (SANTOS, 1997, p. 45).

A partir desse entendimento, pode-se, por fim, pensar o fenômeno da aceleração como fenômeno muitas vezes localizados, e que embora possa parecer, nestas linhas, algo global, que cruza a sociedade do mais rico ao mais pobre, a aceleração não se dá de modo homogêneo, mas acima de tudo se delimitando em metrópoles ricas e em indivíduos inseridos nos processos tardo-modernos.



Figura 4- Primeira página Folha de São Paulo

Na primeira página de jornal acima, a notícia sobre a inauguração do primeiro metro brasileiro, embora não seja manchete, ganha destaque. Articulada com a aceleração técnica, o ritmo da vida se encontra cada vez mais condensado por ações que se sobrepõem ou se estreitam. O jornal, ao assumir a postura de articulador entre presente, passado e futuro, noticia a inauguração em tom positivo ao trazer o número de pessoas presentes na inauguração.

O metrô, sintetizando um dos pilares da vida moderna nas grandes metrópoles, não apenas possibilita que se chegue ao destino de forma mais veloz, como possibilita que se faça mais atividades em um período determinado de tempo. O século XX fora marcado por uma constante aceleratório, desde o carro, passando pelo avião, a chegada do homem a lua e outras tantas evoluções técnicas que permitiram não apenas o avanço da velocidade como a possibilidade de *multitasking*.

Conclusão

Por fim, com as dimensões esclarecidas acima, cabe ressaltar, portanto, em que dinâmica ocorre o espelhamento das dimensões fenomenológicas da aceleração nas páginas impressas. Neste sentido, o que se assume como fator base neste artigo é a postura do jornalismo como testemunha não apenas da história, como testemunha da sociedade da aceleração. Isto é, ao passo que os meios aceleratórios avançam e se tornam centrais no desenvolvimento das sociedades (ROSA, 2019), o jornalismo retrata avanço por avanço, muitas vezes com detalhes, aprofundamento e glorificação.

É possível também, ao se elaborar hipóteses sobre a temática aqui apresentada, relacionar a ação do jornalismo como um mecanismo aceleratório em si. O número cada vez maior de publicações noticiosas, o bombardeamento de informação no cotidiano insere o próprio indivíduo leitor a uma constante aceleração das mudanças sociais, tal como afirma o teórico alemão Hartmut Rosa. O jornalista, aquele que exerce o ofício de relatar os fatos e acontecimentos – para partir de uma distinção proposta por Sodré (2009) – atua como um historiador do tempo presente

Deste modo, de acordo com Silva (2011, p. 166)

O jornalista, no que pese as especificidades da sua profissão, pode ser considerado um historiador do presente. Seus relatos são produzidos criteriosamente, com o uso de técnicas apropriadas e tendo em vista que ele não escreve, a priori, para a posteridade, mas para um público do presente que quer entender, de imediato, o que se passa neste presente. Já foi dito que se há um lugar onde “pulsa” o coração da história, certamente esse lugar não são as salas frias dos arquivos e bibliotecas, mas as redações do jornal.

Assim, ao historicizar o presente, o jornalismo relata o fenômeno da aceleração e possibilita, por fim, sua evolução aos olhos do mundo e sua análise *a posteriori*. Todavia, as representações e relatos apresentados devem ser cuidadosamente enquadrados em seus respectivos contextos e articulações sociais, temáticas e culturais. Karawejczyk (2010, p.146) pontua determinados detalhes sobre o jornal como documento histórico.

parece ser correto compreender o material encontrado nos periódicos não como um conjunto de informações válidas por si mesmas, mas como representações possíveis acerca do assunto pesquisado. Representações essas que, segundo Márcia Espig, foram construídas em uma realidade, sobre a qual incidem determinados filtros (ESPIG, 1998: 276). Acredito que os periódicos são fontes através das quais podemos observar e remontar o dia-a-dia da época pesquisada, sendo uma das formas de se ter acesso às opiniões da intelectualidade sobre as mais variadas questões e também uma

das maneiras de se ter acesso ao cotidiano de uma época e de sua visão de mundo.

Por fim, afirma-se aqui, que o jornalismo, ao relatar os avanços e as alterações das dimensões fenomenológicas da aceleração social do tempo, contribui para sua análise em uma possível totalidade frente ao desenvolvimento histórico e social.

Referências

BURKE, Peter; ASA, Briggs. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. — 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008

KARAWEJCZYK, Mônica. **O jornal como documento histórico – breves considerações**. *Historiæ*, Rio Grande, 1 (3): 131-147, 2010

MEDEIROS, Flavia Natércia da Silva; RAMALHO, Marina and MASSARANI, Luisa. **A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2010, vol.17, n.2 [cited 2021-01-18].

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. - São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec 1997.

SILVA, Dacio, Renault da. **Jornalismo e História: O jornalista como historiador do presente**. 2011

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Editora Vozees. 2009.